

O NASCIMENTO DA FILOSOFIA, OU BREVE CRÔNICA HISTÓRICA DO PENSAMENTO OCIDENTAL

RODRIGO SIQUEIRA BATISTA, ROMULO SIQUEIRA
BATISTA, MARCOS PAULO SFORZA DE ALMEIDA

RESUMO - Tão apaixonante quanto intrigante é o longo caminho percorrido pelo homem grego para o alcance do saber filosófico. Partindo de um tempo no qual o conhecimento embasava-se nos mitos e em uma "misteriosa" sabedoria antiga, os helenos alcançam – dentro de um contexto social, político e econômico favorável – a percepção diferenciada do mundo, sob uma perspectiva totalmente nova – a preponderância da razão. Passam a ser concebidas explicações lógicas distintas de um conteúdo mítico, com enfoque inicial sendo dado a natureza (phýsis), sem, no entanto, romper-se abruptamente com a ideação mítica pertinente ao Homem – tal qual é, erroneamente, propagado por alguns. Este avanço, indubitavelmente, constituiu-se no esteio precípua que, ao longo da história, propiciou ao homem a melhor compreensão do cosmos e de sua própria natureza.

ABSTRACT - In this article will be discussed the historical context and the conceitual foundations that promoted the bases for the dawn of a new way of conceiving the world: the philosophical thought.

Introdução

“A natureza gosta de ocultar-se.”
(Heráclito de Éfeso 540-480 a.C.)

Remonta às origens do homem a busca por soluções para os problemas referentes à natureza, sua origem, o modo como ela se comporta e às transformações que nela se verificam. Estes questionamentos levaram, em uma primeira instância, ao surgimento dos mitos para a explicação dos fenômenos não compreendidos.

Não houve, como possa se pensar, uma ruptura traumática dos mitos para a razão. Em última análise o que ocorreu foi uma “revisão” das explicações míticas, que desembocou no advento de uma nova forma de pensar o mundo – por volta de 600 a.C. Cem anos antes, Homero e Hesíodo haviam confeccionado um apanhado da mitologia grega. Os pioneiros da filosofia (Tales e outros filósofos de Mileto) criticaram a semelhança dos deuses com os humanos, mencionando que talvez os mitos fossem pura imaginação dos homens. Estas críticas associadas à nova estruturação política e social da Grécia (Cidades-Estados, nas quais os cidadãos podiam dedicar-se livremente à discussão de temas sociais e filosóficos, pois todo o trabalho braçal era desempenhado por escravos), propiciaram o desenvolvimento de uma maneira de explicar os fenômenos, não mais através do mito, mas sim por uma nova postura melhor calcada em uma razão “positiva”, sem recorrer à intervenção direta das forças divinas para explicação do cosmos. Entretanto, apesar das críticas dos primeiros filósofos à concepção mítica do mundo, a filosofia não se caracteriza por uma ruptura radical com a mitologia, mas sim por um fluxo gradual a partir desta, pois ao pensamento dos primeiros filósofos podem ser traçados inúmeros paralelos com os mitos próprios do seu tempo.

Revista da SBHC, n. 18, p. 73-80, 1997

No presente artigo, discute-se de forma global o contexto histórico e a fundamentação conceitual que propiciaram as bases para o alvorecer de uma nova forma de conceber o mundo: o pensamento filosófico.

Civilização Grega – Breve Revisão Histórica

O nascimento da filosofia (“amizade à sabedoria”) está intimamente relacionado à história da civilização grega. Com um conteúdo preciso – uma explicação racional para a origem e ordem do cosmos (cosmologia) –, aceita-se que a filosofia surgiu nas colônias gregas da Ásia Menor, sendo Tales de Mileto o primeiro filósofo de que se tem notícia.

Em termos gerais, a história da Grécia Antiga pode ser dividida nas seguintes fases:

Primórdios – A civilização micênica

No começo do segundo milênio a.C., uma nova população – de origem não muito bem definida – irrompe no contexto mundial, vindo a modificar a estrutura mediterrânea – o mundo Egeu e a península Grega. Era o início da constituição da civilização micênica, os antepassados do homem grego.

Este povo de espírito aventureiro, dotado de um estilo diferente de vida – armas de bronze, cerâmica característica, machados de guerra – iniciou suas conquistas a partir da Grécia Continental por volta de 2000 e 1900 a.C.

Durante sua expansão, foram marcadamente hábeis na arte da guerra e dotados da capacidade de assimilar o que havia de mais útil das culturas com as quais entravam em contato.

Período Tardio do Bronze

Os antepassados dos gregos evoluíram na cultura (passagem por Creta), na guerra (arte de dominar os cavalos – Tróia) e redefiniram a estrutura social, arquitetônica e política das civilizações por onde passaram, estando a partir deste momento integrados ao mundo do oriente próximo, pelos inúmeros contatos e intercâmbios.

A civilização micênica se apresentava estruturada sobre um regime de “economia palaciana” – denominação dada pela posição central do palácio na estrutura social. No palácio, eram localizados a sede política, religiosa, econômica e militar. Havia um líder – o rei – que era a autoridade absoluta, usando de auxiliares – “escritas” e “inspetores reais” – para exercer seu governo. Toda a produção de bens passava pelo palácio para então, ser distribuída à população através de um sistema de intercâmbio.

A economia palaciana utilizava-se da escrita denominada linear B, para sua organização interna, ficando esta restrita ao palácio (sob responsabilidade dos escritas).

Apesar de sua organização modelo, este sistema possuía incongruências que levaram-no à ruína. A principal era a existência de comunidades rurais, instaladas ao redor do palácio, que não apresentavam total dependência deste, possuindo alguma capacidade de autogerência. Associado a isso, a invasão dos dórios desfaz em definitivo a estrutura palaciana uma vez que sua base estrutural escrita é destruída e a econômica, formada pelas comunidades rurais, desenvolve-se de forma autônoma.

“Idade Média” Grega

Período no qual pela ausência da escrita, a maioria das informações é obtida através de achados arqueológicos – utensílios, cerâmicas, etc. Nesta fase, consideram-se as transformações necessárias à estruturação das cidades-Estados; não se possui muito acesso aos acontecimentos deste período, pela pobreza de registros e achados arqueológicos.

Revista da SBHC, n. 18, p. 73-80, 1997

Período Homérico

Desta fase conhecemos um pouco da estrutura social através da narrativa de Homero – na *Iliada* (fixada oralmente em 750 a.C.), e na *Odisséia*.

A queda do poder micênico, a expansão dos dórios no Peloponeso, em Creta e em Rhodes, “inauguraram” uma nova idade da civilização grega. As modificações acontecem em todos os níveis: metalúrgica (ferro supera o bronze), rituais de morte (incineração ao invés de inumação), etc.

Entretanto, com a ruína palaciana, todas as forças da sociedade (militares, religiosos e civis) tendem a se chocar. Desse período de desordem, vem uma reflexão moral e especulações políticas, as quais vão definir uma primeira *sophia* – “sabedoria” humana. Surgem os primeiros “sábios” gregos, o que irá representar alterações na cultura e na religião, baseadas na unificação de conceitos após a discussão do novo mundo dos homens.

Período da Grécia Arcaica

Eclode, então, uma nova estrutura social, na qual o palácio não é mais o centro da cidade – esta cercada por muralhas –, agora substituído pela “*Ágora*” (lugar onde são debatidos os problemas da cidade). No final deste período – século VI a.C. –, predominam o artesanato, o comércio e, portanto, a economia em base monetária. Temos, pois, a constituição da *polis* como um acontecimento decisivo na história do pensamento grego, por estar intimamente relacionada à mudança das relações humanas.

Período Clássico

Atenas se torna hegemônica na Grécia – graças às reformas de Clístenes e ao governo de Péricles. Desenvolve-se a democracia no apogeu da vida urbana, intelectual e artística, propiciando que toda a ordem de temas fosse amplamente discutida, tornando-se alvo de reflexão.

Período Helenístico

Neste, a Grécia cai em domínio da Macedônia – com Felipe e Alexandre – e, posteriormente, de Roma. Há, neste contexto, uma “universalização” da cultura grega, com reflexos em todo o mundo ocidental.

Tomando por base esta divisão, a filosofia nasce no período arcaico, consolida-se no clássico e expande-se no helenístico.

Ao longo da história grega, o contexto de florescimento econômico (surgimento de um sistema monetário), o fato de a sociedade tornar-se, paulatinamente, urbana (maior possibilidade de estreitamento das relações entre os homens), a invenção do calendário e o desenvolvimento de uma próspera classe comerciante – que rivaliza e supera a aristocracia agrária –, formaram os alicerces para o extremado esforço intelectual que originou a filosofia.

A existência de uma sociedade escravista, na qual os escravos arcavam com as responsabilidades do trabalho “pesado”, propiciou aos gregos o tempo necessário para o aprimoramento das faculdades do pensamento. Aristóteles afirma cabalmente que a existência de escravos libera os gregos da pena do trabalho, dando-lhes o ócio¹ indispensável à vida contemplativa (Aristóteles — *Ética a Nicômano*).

¹ Na verdade, a palavra “ócio” veio ter um sentido pejorativo no mundo moderno, principalmente nos últimos dois séculos, nos quais os burgueses industriais denominavam de “ociosos” seus empregados que conseguiam refletir sobre as injustiças do modelo quase “escravista” ao qual o proletariado era submetido. Até hoje a mídia e a classe dominante utilizam o termo “ocioso” para qualificação dos líderes trabalhistas — no sentido de “que não trabalham” ou “que vivem às custas dos outros”...

O Desenvolvimento do Saber e da Filosofia

A Impotência da Palavra

Dentre as inúmeras transformações que surgem com a *polis*, a mais importante é a extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos de poder.

A palavra deixa de ser o termo ritual e passa a ser a fonte para o debate, discussão e reflexão, sendo ela, ou melhor, o seu uso de forma mais persuasiva, que irá definir o orador vencedor dos embates agonísticos (dialética é compreendida como a arte real da discussão: as normas para uma discussão correta). Todas as questões de interesse geral passam a ser submetidas à arte da oratória e as decisões são as conclusões dos debates. A política se torna a arte do domínio da linguagem.

Com a popularidade dos debates e das discussões, a *polis* se fundamenta na publicidade das manifestações sociais; se distinguem os interesses comuns dos privados, consolidam-se as práticas abertas e o domínio público, a base social da estrutura. Porém, esse desenvolvimento traz uma profunda transformação, já que ao tornar comuns os elementos de uma cultura, levamos os mesmos à crítica e à controvérsia. Todos os elementos estão expostos a interpretações diversas e a debates apaixonados. Já não era possível se impor só por prestígio pessoal ou religioso... Devia haver o convencimento pela dialética.

A palavra constituiu-se no instrumento da vida política. Sua vertente escrita trouxe em si a possibilidade de uma completa divulgação do conhecimento. Neste momento, a escrita tornara-se pública, não mais estando presente apenas no palácio – como no período micênico. Neste contexto, o saber pode tornar-se igualmente público, deixando de estar restrito aos magistrados ou aos sacerdotes. Após divulgadas, as idéias deverão ser submetidas ao debate político e à aceitação popular.

A Sabedoria

A consolidação da importância da palavra teve, igualmente, um papel crucial no advento da filosofia. A sabedoria antiga, tão exaltada por filósofos como Platão, ao percorrer as veredas da linguagem, da palavra, do discurso, do *lógos* e da dialética – este consistiu em um dos fenômenos da cultura grega, possuindo o enigma² como substrato para sua origem – passa a ser um “bem” público, tornando a figura do sábio, obsoleta. Pode-se, em última instância, argumentar-se que a filosofia nasceu no momento em que a sabedoria é “socializada” através do discurso.

Não foi sem dificuldades nem sem resistência que esse percurso foi seguido. A popularização do saber, antes inacessível, foi lenta e contraditória. Podemos dizer que havia uma articulação para que os mistérios (explicados através dos mitos) que chegassem à praça pública (fato inevitável) sofressem um estudo, fossem objeto de exame, mas não deixassem completamente de ser um mistério.

A “queda” do mito (misterioso) – ou melhor, sua reformulação –, sem qualquer sombra de dúvida, trouxe em si um grandioso salto na evolução humana, mantendo seus reflexos até o nosso tempo.

² A proposição de um problema dialético está intimamente relacionada à do enigma – forma de problematizar questões, muito empregada pelos sábios gregos da antiguidade –, visto que ambas são explicitadas sob a forma contraditória. Entende-se pois que, a formulação racional é um ato contínuo ao pensamento mítico – inicia-se a partir deste –, isto é, são duas etapas sucessivas de um mesmo processo.

O “casamento” entre Mito e Razão: Germinação do Movimento Filosófico

No princípio, os homens, na busca pela compreensão do Todo que os cercava, repousam suas respostas nos mitos. É ubíqua a existência de um certo desprezo pela ideação mítica. Sem embargo, incorre-se em um grave erro de avaliação crer que, repentinamente, o homem abandonou seus mitos e pôs-se a pensar racionalmente. Não é sensato (nem tampouco inteligente) desprezar a visão mítica como ponto de partida para a ideação mais “racional” (no sentido de não-mítico); em verdade, ela significa o primeiro passo, o primeiro esforço da humanidade nesse sentido.

A pergunta que forçosamente se impõe é como o homem passou a pensar de forma não-mítica? Analisando alguns autores, fica a idéia de que houve um verdadeiro “salto” – chamado genericamente de “milagre grego”. Aos menos avisados, pode parecer que, de forma repentina, os gregos começaram a buscar explicações racionais para alguns fenômenos, principalmente relacionados à estrutura da natureza. Esta é uma idéia totalmente errônea e ingênua pois, após análise minuciosa e imparcial, podemos perceber uma inegável congruência entre os mitos cosmogônicos (mitos que descreviam a formação do universo) e a cosmologia dos primeiros filósofos.

Indubitavelmente, o dito “milagre grego” (que em si não possui nada de “miraculoso”), foi fruto, entre outros fatores, de uma nova organização social e política propícia (ver tópico Civilização Grega – breve revisão histórica), ocorrida em todos os planos do mundo grego – religioso, político, social e intelectual. Com a queda dos regimes inspirados no oriente – nos quais os reis-sacerdotes detinham o poder político e religioso, além de serem responsáveis pela manutenção da ordem cósmica através de rituais inspirados nas narrativas míticas –, houve um período de certa obscuridade do povo grego, onde lentamente foi sendo preparada essa nova ordenação. Além disso, perde-se, paulatinamente, a intervenção dos deuses – o mundo passa a ser mais humano, isto é, menos subserviente à vontade divina... A principal característica dessa ordem que surgiu pode ser percebida no campo da política, onde desaparece a figura do rei-sacerdote para que surjam as cidades-estado, muitas alicerçadas sobre regimes democráticos.

Assim como a nova ordem política permite aos cidadãos esse “encontro” de idéias, que se defrontam e provocam nos homens a necessidade de um esforço intelectual mais intenso, seguem-se, em sua esteira, as concepções referentes à natureza. Os mitos passam a compor os rituais religiosos, os mistérios das seitas secretas, e a enorme influência de toda uma história da qual ninguém jamais poderia se esquivar. Mas, olhando para a natureza, o homem vê que existe a necessidade de prolongar sua nova experiência intelectual até seus domínios. É preciso buscar respostas na razão, no confronto de raciocínios, na formulação e refutação de teses.

Existe pois um vínculo forte entre a sociedade e a natureza. Antes, ambas estavam reunidas sob o véu dos mitos. Neste contexto, os cidadãos gregos tomam, então, o mesmo modelo contestatário e analítico de pensamento para ordená-las, pois não faria o menor sentido um povo “adotar” um regime democrático, onde a divulgação e o debate de idéias são essenciais, se permanecesse agarrado exclusivamente ao mito no que concerne as explicações cosmogônicas.

Baseado nessas premissas, entende-se que o mundo grego diferenciou-se como um todo do restante do mundo conhecido naquela época. A partir do desenvolvimento do pensamento, as respostas de caráter puramente mítico para os fenômenos naturais foram sendo esvaziadas. De qualquer forma, os primeiros filósofos ou pensadores não podiam se livrar facilmente daquela influência cultural tão arraigada à vida das pessoas de seu tempo. Podemos perceber a influência dos mitos sobre o pensamento desses homens (sobretudo os pioneiros) justamente pelos problemas dos quais se ocuparam. Os primeiros filósofos de que temos notícia são também conhecidos como físicos ou filósofos da natureza, exatamente por se ocuparem de questões envolvendo os processos naturais.

Os Pioneiros da Filosofia

O que nos irá chamar atenção no pensamento desses primeiros filósofos – hoje denominados pré-socráticos – será uma idéia que foi comum a praticamente todos eles: a de que havia uma substância fundamental na natureza, de caráter eterno e imutável, origem de todas as coisas e a partir da qual as modificações se processavam. A maneira como procuravam explicar essas transformações e a essência da

natureza, apresenta, muitas vezes, grandes diferenças em cada um deles.

O foco principal que intrigava esses pensadores era o fato de, pelo menos até onde afirmavam os sentidos, ocorrer constantes transformações na natureza. A combustão, a solidificação e evaporação da água, o nascimento de inúmeras espécies de vegetais que brotam na terra (aparentemente inerte) eram pontos centrais do pensamento.

Admite-se que a filosofia tenha surgido com Tales de Mileto³ – Aristóteles o apontou como o “fundador da filosofia natural”. Podemos definir o que se conhece acerca de suas idéias sobre a natureza em duas premissas: “A Terra flutua na água” e “a água é a origem de todas as coisas” (Kirk, 1994).

Quanto à primeira premissa, é provável a influência de mitos do Oriente próximo, bem como o mito do rio *Okeanos* na tradição grega, segundo a qual esse rio circundaria toda Terra; mas essas são apenas suposições. Referente à segunda, não é possível ter-se uma idéia clara do que Tales estava realmente querendo dizer com a “água é origem de todas as coisas”⁴ e até que ponto essa afirmativa era importante em sua cosmogonia.

Fica explícito, após análise atenta, o esforço intelectual que deve ter sido demandado por Tales até que se alcançasse esta proposição, não lançando mão dos ornamentos mitológicos⁵. Este constituiu-se em um passo decisivo em direção à racionalização do mundo.

Um discípulo de Tales, Anaximandro de Mileto, postulou que o mundo originara-se do indeterminado (ou infinito) – o qual denominou *ápeiron*. Cria também que a formação do mundo foi conseqüente a um movimento turbulento operando dentro do *ápeiron*. Discordava de Tales no tocante à origem das coisas, possivelmente por não aceitar que uma substância com propriedades determinadas (a água) pudesse ser originadora de todas as outras.

Anaxímenes de Mileto é considerado o terceiro nome da história da filosofia. Adotou também a idéia de uma única substância geradora, mas ao contrário de Anaximandro, determinou o ar como origem de todas as coisas e a causa das constantes transformações da natureza. O ar de Anaxímenes, à semelhança do *ápeiron*, era perpétuo, sendo encarado como “um sopro de vida” sustentando o *cosmos*. Acreditava que, por rarefação do ar, era gerado o fogo e, por sua crescente condensação, a água e a terra. Este pensador foi o único filósofo pré-socrático a explicar a diversidade e as transformações da natureza em função da modificação de estados de um único elemento.

Após as primeiras concepções milésias destinadas a explicar o mundo – de Tales, Anaximandro e Anaxímenes – surgem Parmênides de Eléia (escola eleata) e Heráclito de Éfeso, pensadores que conduziram o pensamento filosófico a um verdadeiro impasse.

Para Parmênides, tudo o que existe sempre existiu, isto é, as coisas do mundo são as mesmas desde o início dos tempos (conceito este bastante difundido entre os gregos). Sendo assim, ele afirmava que nada surgia do nada e nada que existe pode transformar-se em outra coisa: o mundo foi concebido e permanece imutável. Para refutar o que a natureza lhe mostrava – constantes transformações –, optou por admitir que os sentidos eram falaciosos, jamais podendo ser utilizados como guias da realidade.

Heráclito propôs uma explicação – que se chocava frontalmente com as teses parmenidianas – baseada nas transformações da natureza. Para ele “tudo flui” ou “todas as coisas estão em movimento” – e é esta a principal característica da natureza (o mais imutável do universo é sua mutabilidade). Dessa forma, a origem das coisas se dá com o contínuo movimento da natureza.

Era claro que Parmênides conhecia essas transformações, mas, por não conseguir encaixá-las em sua concepção, dizia que eram fruto da ilusão dos sentidos, e que o homem deveria ver o mundo somente com

3 Entretanto, há de se ter cuidado para tratar com este fato pois, é repreensível a idéia de que, subitamente, um espírito “iluminado” começasse a filosofar... Estamos convencidos que esta visão não corresponde à verdade histórica dos fatos e, por isso, a ênfase quase constante, em uma passagem tênue do mito para a razão.

4 ainda que muitos autores tracem conjecturas a respeito dessa afirmativa, fica difícil tirar uma conclusão segura, por se tratar de um único fragmento isolado.

5 Tales não utiliza a ideação mítica propriamente dita para sua formulação. Sem embargo, a influência dos mitos nesta afirmativa— por exemplo, o mito do rio *Okeanos* — é importante. Não há rupturas; a “passagem” é gradual...

a razão. Estabeleceu-se, assim, acérrima discordância entre os dois filósofos, colocando o pensamento grego em xeque. Coube a Empédocles de Agrigento a resolução do impasse, através da conciliação das teorias de Parmênides e Heráclito. Em sua opinião havia acertos e incorreções no pensamento de ambos filósofos, sendo o principal erro a aceitação de um princípio único, como essência de todas as coisas. Chegou, então, à conclusão de que a natureza possuía quatro elementos básicos, fazendo-se interessante analogia aos mitos: ar (Hera), água (Nestis), terra (Hades) e fogo (Zeus). Assim sendo, todas as transformações da natureza decorreriam da combinação desses quatro elementos, o que de acordo com as porções de mistura utilizadas, daria origem às inúmeras coisas do mundo. Em um dado momento, os elementos separam-se para, novamente, se combinarem, dando origem a outra forma. Entretanto, os quatro elementos continuam a ser o que são, inalterados, a despeito do tipo de mistura de que fizeram parte.

O filósofo Anaxágoras de Clazômenas era também contrário à idéia do elemento único, embora discordasse que a água, terra, ar e fogo pudessem, ao combinar-se, dar origem à infinidade de formas que compõem o mundo. Ele acreditava que a natureza era composta por uma infinidade de partículas minúsculas, invisíveis ao olho humano e que, na verdade, tudo possuía um pouco de tudo. Essas partículas se combinavam e se separavam de maneiras diferentes, dando origem às diferentes coisas.

Outros dois eleatas trouxeram contribuições à nascente filosofia, principalmente no que tange aos preceitos de Parmênides: Zenão de Eléia e Melisso de Samos. Ambos pregavam as concepções de um ser ingênito, imperecível, uno, contínuo e imutável. O projeto último destes pensadores era a defesa dos argumentos de Parmênides acerca do ser.

Os conceitos dos primeiros filósofos, bem como as contribuições de Anaxágoras, Zenão e Melisso, formaram terreno fértil para o desenvolvimento, por Leucipo e Demócrito de Abdera, de uma corrente filosófica que, posteriormente, culminaria com a formulação da teoria atômica: o atomismo, doutrina de acordo com a qual acreditava-se em um mundo composto por partículas minúsculas, indestrutíveis e eternas – os átomos (do grego “não divisível” – *á / tomo*). Esta pode ser considerada a última grande contribuição pré-socrática à filosofia pois, a partir de então, o eixo da problematização filosófica deslocou-se da natureza para o homem (Sócrates e sucessores).

Considerações Finais

A filosofia, ao nascer, vai encontrar-se em uma posição ambígua; flutuará entre a sua inspiração nos mistérios, no enigma (sabedoria antiga) e a razão do debate político. Com isso, as discussões tornam-se cada vez mais importantes, afetando um maior número de pessoas – o que caracteriza, em última instância, o nascimento da filosofia como o momento no qual indivíduos livres, com disponibilidade para o estudo, passaram a refletir sobre as questões filosóficas, sem ter que recorrer somente a respostas místicas.

Começaram a haver explicações lógicas e racionais (reforça-se aqui o sentido de “racional” como não-mítico) para as coisas. O homem começa a observar o mundo ao seu redor e a analisar as coisas, criando teorias a respeito. A filosofia respira e se prepara para seguir o caminho que se confunde, ou melhor, que é a própria história do homem.

Neste contexto, os primeiros filósofos gregos, também chamados físicos, começaram a se interessar pela natureza e pelos processos naturais, principalmente – para alguns pensadores, com Tales haveria nascido a Cosmologia (uma ciência) e não a filosofia propriamente dita... Para o aprofundamento dessa discussão, era necessário conhecer a origem das coisas, de forma fundamentada, não mais baseados exclusivamente na explicação por mitos. Todas essas idéias são frutos da observação e da reflexão do homem, reformulando-se as explicações sobrenaturais relativas aos deuses ou entidades: a razão surge como o elemento mais importante do conhecimento humano. A observação, a razão e a reflexão fundamentam o início do pensamento filosófico. Invariavelmente, a filosofia significou o nascimento do pensamento

ocidental, sendo a base para todo o desenvolvimento científico e tecnológico vislumbrado no mundo contemporâneo.

Agradecimentos

Agradecimentos a Sérgio L. de C. Fernandes (Professor Titular de Filosofia Geral da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), pela leitura crítica do manuscrito e sugestões apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES.** Ética a Nicômaco. In: *Aristóteles*. Porto Alegre: Editora Abril, 1973 (Os Pensadores IV).
- ASIMOV, I.** *Gênios da humanidade*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1980. v. 1-3.
- BORNHEIM, G. A.** *Os filósofos Pré-socráticos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.
- COLLI, G.** *O Nascimento da Filosofia*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- KIRK, G S, RAVENJ.E., SCHOFIELD, M.** *Os Filósofos Pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- LUCEJ. V.** *Curso de Filosofia Grega*. Do século VI a. C. ao século III d. C. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- OS PRÉ-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Os Pensadores I).
- MOSSÉ, C.** *A Grécia Arcaica de Homero e Ésquilo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- VERNANT, J.P.** *Mito & pensamento entre os Gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. *As Origens do pensamento Grego*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

Trabalho recebido em Julho de 1997

Rodrigo Siqueira Batista é Pós-graduando em Teoria da Literatura, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Endereço: Av. Marechal Fontenele, 4784, Vila City, rua 2, casa 152.
CEP: 21750-000 – Magalhães Bastos – Rio de Janeiro – RJ, Brasil

Romulo Siqueira Batista é Bacharelado em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Paulo Sforza de Almeida é Bacharelado em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Revista da SBHC, n. 18, p. 73-80, 1997